



RELISE

**EMPREENDEDORISMO NA EUROPA: UMA VISÃO GERAL COMPARATIVA
ENTRE AS COMUNIDADES BRASILEIRAS EM PORTUGAL, ITÁLIA,
FRANÇA E ESPANHA¹**

*ENTREPRENEURSHIP IN EUROPE: A COMPARATIVE OVERVIEW OF
BRAZILIAN COMMUNITIES IN PORTUGAL, ITALY, FRANCE, AND SPAIN*

Roberto Pessoa de Queiroz Falcão²

Eduardo Picanço Cruz³

O crescimento da mobilidade internacional de brasileiros nas últimas décadas tem sido acompanhado por uma expansão significativa do empreendedorismo migrante em diferentes países europeus. Embora a literatura tenha avançado na compreensão desse fenômeno em contextos específicos, ainda são escassas as análises comparativas que examinam como diferentes ambientes institucionais, mercados e estruturas sociais moldam trajetórias empreendedoras de forma diferenciada (Dheer, 2024; Ram et al., 2017). Este editorial busca preencher essa lacuna ao analisar comparativamente o empreendedorismo brasileiro em Portugal, Itália, França e Espanha, com base em evidências empíricas oriundas de trabalho de campo, entrevistas em profundidade e análise de dados secundários.

Adotando a perspectiva da *mixed embeddedness*, argumenta-se que o empreendedorismo migrante não pode ser explicado apenas por características individuais ou motivações econômicas, mas emerge da interação entre recursos dos indivíduos, redes sociais e estruturas institucionais e de mercado dos países de destino (Kloosterman; Rath, 2001; Kloosterman, 2010). Nesse sentido, o

¹ DOI: doi.org/10.5281/zenodo.19369974

² Unigranrio. robertopqfalcao@gmail.com

³ Universidade Federal Fluminense. epicanco@id.uff.br



RELISE

editorial explora como diferentes configurações nacionais produzem padrões distintos de inserção empreendedora, bem como trajetórias marcadas por adaptação, resiliência e, em muitos casos, mobilidade transnacional (Schrooten et al., 2016).

O presente trabalho justifica-se pelo fato da temática do empreendedorismo de imigrantes brasileiros em Portugal, Itália, França e Espanha ser pouco explorada por pesquisadores brasileiros. A importância da investigação se dá pelo: (i) escasso número de estudos a respeito das comunidades brasileiras no exterior; (ii) a relevância do tema das migrações, refugiados e diásporas na atualidade; (iii) a percepção de que o empreendedorismo permite a qualquer imigrante superar dificuldades econômicas; e (iv) constatação de que muitos brasileiros no exterior se afastam de seus compatriotas, enfraquecendo as redes e a força de seus negócios. Ademais, os pesquisadores realizaram uma extensão acadêmica, capacitando empreendedores junto aos consulados brasileiros ou associações locais, a exemplo de outros trabalhos já realizados na Europa e América do Norte.

O estudo é derivado de notas de campo e observações prévias derivadas de entrevistas realizadas com 55 brasileiros em Portugal, 32 na Itália, 25 na França e 33 na Espanha, no período entre setembro de 2024 e fevereiro de 2026, no âmbito de um período de estágio pós-doutoral no Instituto Politécnico de Leiria (Portugal) e da realização de coleta de dados de campo na Espanha, França e Itália do programa Jovem Cientista do Nosso Estado/Faperj.

MIXED EMBEDDEDNESS E EMPREENDEDORISMO MIGRANTE

A abordagem da *mixed embeddedness* (Kloosterman et al., 1999; Kloosterman; Rath, 2003; Kloosterman, 2010) oferece um arcabouço analítico particularmente útil para compreender o empreendedorismo migrante em perspectiva comparada. Ao integrar dimensões micro (recursos individuais),



RELISE

meso (redes sociais) e macro (estruturas institucionais e de mercado), essa perspectiva permite analisar como diferentes contextos nacionais influenciam as oportunidades e restrições enfrentadas por empreendedores migrantes.

Nesse quadro, o empreendedorismo não é apenas uma escolha individual, mas uma resposta situada a estruturas de oportunidade (Waldinger, 1990). Empreendedores com maior capital humano, financeiro e social tendem a acessar mercados mais dinâmicos e diversificados, enquanto aqueles em posições mais vulneráveis frequentemente se inserem em setores de baixa barreira de entrada (Ram et al., 2008; Jones et al., 2014). A distinção entre empreendedorismo por oportunidade e por necessidade, embora útil, é aqui reinterpretada como um fenômeno relacional e dinâmico (Fairlie; Fossen, 2020). Nota-se sobretudo a influência das políticas migratórias, barreiras de validação de diplomas, e barreiras linguísticas como fatores impulsionadores do empreendedorismo como meio de sobrevivência. Já a complexidade regulatória e o custo da mão de obra, são destacados pelos empreendedores dos quatro países como fatores dificultadores do ato de empreender.

METODOLOGIA E CONTEXTO EMPÍRICO

Este editorial baseia-se em um desenho multimétodos, combinando entrevistas em profundidade com empreendedores brasileiros, observação de campo e análise de dados secundários. A coleta de dados de campo foi realizada entre setembro de 2024 e fevereiro de 2026, abrangendo diferentes cidades em Portugal (Leiria, Lisboa, Cascais, Porto, Porto de Mós, Albufeira, dentre outras), Itália (Milão, Torino e Roma), França (Toulouse e Paris), e Espanha (Madrid, Barcelona, Tarragona e Palma de Maiorca), permitindo captar tanto padrões recorrentes quanto especificidades contextuais.

A abordagem qualitativa adotada privilegia a compreensão das trajetórias, significados e práticas dos empreendedores, permitindo identificar



RELISE

4

mecanismos subjacentes que não seriam capturados por abordagens puramente quantitativas (Denzin; Lincoln, 2018). A análise comparativa foi conduzida a partir da identificação de padrões de inserção, desafios enfrentados, estratégias adotadas e formas de mobilização de recursos em cada contexto nacional.

ANÁLISE COMPARATIVA DOS CONTEXTOS NACIONAIS E EMPREENDEDORISMO

Do ponto de vista institucional comparativo, a regulação da cidadania e da inserção de migrantes varia significativamente entre Itália, Espanha, Portugal e França, moldando diferentes estruturas de oportunidade para empreendedores brasileiros.

Portugal destaca-se como o contexto mais acessível, combinando mecanismos relativamente flexíveis de regularização, proximidade linguística e cultural e menor complexidade administrativa, o que favorece tanto a entrada quanto a formalização de negócios. Muitos dos empreendedores por necessidade abrem o equivalente ao MEI (atividade) para emitirem seu “recibo verde” ao prestarem seus serviços (de construção, serviços de estética e beleza, floristas, contadores, dentre outros). Há um grupo também mais abastado que decide imigrar para Portugal com suas famílias e no intuito de empreenderem em negócios estruturados (por exemplo: casa noturna, casa de festas, restaurantes, hub de negócios digitais, imobiliária, advogados, dentre outros).

A Itália tem se orientado recentemente para um modelo mais restritivo, limitando o acesso à cidadania por descendência (*jus sanguinis*) e introduzindo a exigência de vínculo efetivo com o país, o que eleva as barreiras de integração formal para gerações mais distantes. No tocante ao empreendedorismo, destaca-se a burocracia (semelhante a Portugal), no entanto há uma grande diversidade de negócios criados por brasileiros (hotel de gatos, fábrica de pão de queijo, consultoria de marketing digital, churrascarias etc.).



RELISE

Já a França apresenta um ambiente mais regulado e exigente, no qual o acesso à cidadania e à atividade empreendedora é mediado por maiores exigências burocráticas, domínio do idioma e reconhecimento formal de qualificações, beneficiando migrantes com maior capital humano e institucional, o que vem impactando diretamente a nova onda migratória de indivíduos com alto capital humano, os quais empreendem nas áreas de consultoria, tecnologia, gastronomia de alto padrão e moda.

A Espanha, por sua vez, passou por um movimento de abertura temporária com a Lei de Memória Democrática (2022–2025), que ampliou o acesso à cidadania para descendentes, especialmente latino-americanos, seguido de um retorno a regras mais restritivas após seu encerramento; ainda assim, mantém um regime preferencial que permite a naturalização após apenas dois anos de residência legal. Os imigrantes entrevistados destacaram que para se legalizarem atualmente uma das maiores dificuldades seria o ‘empadronamiento’ (ou obtenção do certificado de residência), que por sua vez se consolida com a obtenção de um contrato de aluguel. Na região de Madrid há diversos empreendimentos de gastronomia como churrascarias, tapiocarias e açai e casas noturnas alternativas. Já na Catalunha, há desde restaurantes brasileiros, produtoras culturais, churrascarias, contadores e advogados.

Portugal: porta de entrada e plataforma de expansão

Portugal emerge como o contexto mais favorável à inserção empreendedora de brasileiros, em grande medida devido à proximidade linguística e cultural, bem como a um ambiente institucional relativamente acessível (Esteves et al., 2018). Observam-se dois grupos bem distintos: (i) empreendedores orientados por oportunidade, frequentemente com planejamento prévio, capital inicial e inserção em setores mais qualificados, e vivendo sobretudo na região de Cascais, Estoril, Porto; e (ii) empreendedores



RELISE

por necessidade, que muitas vezes entraram de forma irregular no país e passaram por situações de exploração, tendo trabalhado com faxina, construção civil e reformas, como garçons e na cozinha de restaurantes. Recentemente, devido ao crescimento acelerado pós-pandemia da imigração brasileira para Portugal, esse contingente levou a um movimento xenofóbico, o que culminou com alteração nas leis migratórias com um endurecimento. Em termos de constituição familiar, há muitos casais de brasileiros que imigram juntos. Ainda assim, persistem desafios relacionados à burocracia e à carga regulatória, que afetam tanto empreendedores estabelecidos quanto novos entrantes (OECD, 2019). Portugal também funciona como plataforma de mobilidade intraeuropeia, reforçando a dimensão transnacional do fenômeno (Schrooten et al., 2016).

Itália: empreendedorismo como estratégia de sobrevivência

Já na Itália, segundo o segundo o Ministério das Relações Exteriores (MRE, 2021), estima-se um montante de 80.000 habitantes, dispersos nas seguintes regiões: (i) Lombardia: no norte da Itália, é a região que possui a maior concentração de brasileiros no país. A cidade de Milão, em particular, é um importante centro econômico e cultural, e atrai muitos brasileiros que buscam oportunidades de trabalho e estudo; (ii) Lazio: que é a região que abriga a capital Roma, também possui uma grande comunidade brasileira. Muitos brasileiros são atraídos para a região por causa das oportunidades de trabalho em áreas como turismo, restauração e serviços; (iii) Vêneto: no norte da Itália, também abriga uma comunidade brasileira significativa, com muitos brasileiros trabalhando em setores como comércio e turismo; (iv) Emília-Romanha: no norte da Itália, também possui uma comunidade brasileira significativa, com muitos brasileiros trabalhando em setores como agricultura, construção e indústria; (v) Piemonte: esta é uma região que fica no norte do país, fazendo divisa com a França e a Suíça. Sua capital é Turim e a região também atrai muitos brasileiros, visto que



RELISE

essa é a segunda região mais rica do país, possuindo diversas opções de trabalho; e (vi) Toscana: no centro da Itália, é outro destino popular para os brasileiros, especialmente para aqueles que buscam oportunidades de estudo ou trabalho em áreas como moda e design.

A comunidade é representada por um grande contingente (mais de 70% de mulheres), sendo parte dessas brasileiras casadas com italianos e uma menor parte com brasileiros. Há uma boa receptividade do que é brasileiro, quer seja da música, da cultura. Há um imaginário da sensualidade das mulheres brasileiras por parte dos homens italianos que ainda persiste. Nota-se também que grande contingente de brasileiros que vivem na Itália, com status de cidadania por descendência são oriundos de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, estados que concentraram a imigração italiana no Brasil, mas não somente.

As reformas recentes da cidadania italiana (especialmente a partir de 2025) restringiram o reconhecimento por *jus sanguinis*, limitando-o principalmente a filhos e netos de italianos e introduzindo a exigência de vínculo efetivo com o país. Também houve mudanças na transmissão para filhos menores, aumento de custos e maior rigor nos processos. No conjunto, essas alterações representam uma mudança de um modelo baseado na descendência ampla para outro centrado em conexões reais com a Itália.

Na Itália, o empreendedorismo brasileiro apresenta maior incidência de trajetórias marcadas pela necessidade. Barreiras linguísticas, segmentação do mercado de trabalho e dificuldades institucionais contribuem para a inserção em setores de baixa barreira de entrada (Solano, 2016). Nesse contexto, redes coétnicas desempenham papel central, oferecendo suporte inicial, mas também limitando o acesso a mercados mais amplos (Ram et al., 2017). A informalidade emerge como elemento relevante, refletindo estratégias adaptativas diante de restrições estruturais.



RELISE

8

Espanha: entre oportunidade e saturação de mercado

Na Espanha, as principais províncias que concentram brasileiros segundo o Ministério das Relações Exteriores (MRE, 2021) são a Catalunha (22.263), Comunidade de Madrid (16.411), Andaluzia (9.708) e Galícia (9.252), respectivamente.

A Espanha, que recentemente alterou sua lei migratória no sentido de maior abertura, tendo como principal reforma recente a Lei de Memória Democrática (2022), a qual ampliou o acesso à cidadania espanhola para descendentes - especialmente latino-americanos - incluindo netos e bisnetos. No entanto, essa lei tinha caráter temporário e foi encerrada em outubro de 2025, tornando novamente o processo mais restritivo. Atualmente, a principal via para latino-americanos é a naturalização por residência, com prazo reduzido de dois anos, o que em comparação com outros países europeus é muito menor, sendo que em alguns países esse prazo pode levar de 7 a 10 anos de residência para obtenção de cidadania. A Espanha apresenta características híbridas, combinando oportunidades em determinados setores com alta saturação em nichos tradicionalmente ocupados por migrantes (Kloosterman; Rath, 2010). Empreendedores brasileiros frequentemente se inserem em setores como turismo, gastronomia e serviços, destacando-se a oferta cultural de shows, espaços para prática de capoeira e churrascarias. A volatilidade econômica e a concorrência intensa impõem desafios adicionais, exigindo estratégias de adaptação e diferenciação (Baycan-Levent; Nijkamp, 2009).

França: complexidade institucional e barreiras de acesso

Na França há uma boa receptividade do que se refere a cultura brasileira, como a música, mas há um grande desconhecimento da gastronomia brasileira. Nesse contexto, a integração em redes locais (de franceses) e o



RELISE

domínio do idioma emergem como fatores críticos para o sucesso e inserção laboral e empreendedora, reforçando a importância do capital social e institucional (Ram et al., 2017).

No país estima-se uma população de brasileiros, segundo o Ministério das Relações Exteriores (MRE, 2021) de 80.000 habitantes, sabendo-se que a maior concentração de brasileiros se dá sobretudo na região metropolitana de Paris, das maiores cidades do Centro e do Sul do país (incluindo Bordeaux, Lyon, Nice, Cannes, Montpellier, dentre outras). A França ainda apresenta um ambiente institucional mais regulado, com maiores barreiras de entrada relacionadas à formalização, crédito e reconhecimento de qualificações (OECD, 2019). Ao mesmo tempo, oferece oportunidades em nichos mais qualificados para empreendedores com maior capital humano.

Discussão: trajetórias, mobilidade e dinâmicas de embeddedness

A análise comparativa revela que o empreendedorismo brasileiro na Europa é profundamente moldado pelas interações entre recursos individuais e estruturas contextuais. Um dos principais achados é a fluidez das trajetórias empreendedoras, que frequentemente transitam entre necessidade e oportunidade ao longo do tempo. Além disso, observa-se a importância da mobilidade intraeuropeia, reforçando a necessidade de abordagens transnacionais (Schrooten et al., 2016). O papel das redes sociais também se mostra central, especialmente na distinção entre capital *bonding* e *bridging* (Granovetter, 1973).



RELISE

Implicações teóricas e metodológicas

Do ponto de vista teórico, o editorial reforça a *mixed embeddedness* como uma abordagem robusta para análises comparativas multiníveis (micro, meso e macro) e propõe uma leitura dinâmica das motivações empreendedoras (Kloosterman, 2010).

Metodologicamente, evidencia-se o valor de abordagens qualitativas e multimétodos para captar a complexidade do fenômeno, contribuindo para explicações baseadas em mecanismos (Gioia et al., 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender as dinâmicas do empreendedorismo imigrante no contexto europeu contemporâneo, com ênfase na nova onda migratória e suas implicações para a criação e desenvolvimento de negócios. A partir de uma abordagem interpretativista e qualitativa, os achados evidenciam que o empreendedorismo imigrante não pode ser reduzido a uma lógica puramente econômica, sendo, na realidade, um fenômeno multifacetado que emerge da interseção entre trajetórias migratórias, recursos sociais, estruturas institucionais e processos identitários. Os resultados reforçam a relevância da perspectiva *da mixed embeddedness*, ao demonstrar que as oportunidades empreendedoras são simultaneamente moldadas por fatores estruturais - como regulação, mercado de trabalho e políticas migratórias - e por recursos individuais e coletivos, incluindo redes sociais, capital cultural e experiências prévias. Além disso, o estudo evidencia a crescente importância de práticas transnacionais e da mobilidade como elementos constitutivos das estratégias empreendedoras, ampliando o entendimento sobre como os imigrantes articulam diferentes contextos institucionais e mercados.

Outro achado central refere-se à heterogeneidade das trajetórias empreendedoras, que variam não apenas em função de motivações



RELISE

econômicas, mas também de fatores simbólicos, identitários e aspiracionais. Nesse sentido, o empreendedorismo imigrante deve ser compreendido como um processo dinâmico e situado, marcado por adaptações contínuas às condições contextuais e por estratégias de agência que combinam necessidade, oportunidade e construção de sentido. Ao integrar essas dimensões, o estudo contribui teoricamente ao avançar a literatura de empreendedorismo imigrante, articulando a perspectiva da *mixed embeddedness* com uma abordagem processual e interpretativista das trajetórias empreendedoras. Essa integração amplia o escopo analítico tradicional ao incorporar dimensões simbólicas e transnacionais frequentemente subexploradas, além de reforçar a natureza dinâmica e não linear do fenômeno. Ao destacar a agência dos atores na recombinação de recursos em contextos de restrição, o estudo propõe uma leitura mais integrada e multiescalar, conectando níveis micro (indivíduo), meso (redes e mercados) e macro (instituições), oferecendo uma base robusta para avanços teóricos futuros.

Não obstante suas contribuições, o estudo apresenta limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados. A natureza qualitativa e interpretativista da pesquisa, embora adequada para captar a complexidade do fenômeno, limita a generalização estatística dos achados. A concentração empírica em determinados contextos europeus pode restringir a aplicabilidade dos resultados a outros cenários com diferentes configurações institucionais e migratórias. Ademais, a coleta de dados baseada predominantemente em entrevistas está sujeita a vieses de memória e interpretação por parte dos participantes. Por fim, a ausência de uma abordagem longitudinal limita a compreensão das transformações nas trajetórias empreendedoras ao longo do tempo.

Diante dessas limitações, abre-se uma agenda promissora para pesquisas futuras. Estudos quantitativos e multimétodos podem contribuir para



RELISE

testar e ampliar a generalização dos achados em diferentes contextos nacionais. Investigações longitudinais são particularmente relevantes para compreender a evolução das trajetórias empreendedoras ao longo do ciclo migratório. Além disso, análises comparativas entre países - especialmente entre distintos regimes institucionais - podem aprofundar a compreensão do papel das estruturas regulatórias e dos ecossistemas empreendedores. Também se destaca a importância de incorporar perspectivas interseccionais, explorando como gênero, raça e classe influenciam as trajetórias de empreendedores imigrantes. Por fim, futuras pesquisas podem avançar na análise do papel das tecnologias digitais, plataformas e ecossistemas transnacionais na configuração de novas formas de empreendedorismo imigrante, contribuindo para uma compreensão mais contemporânea e abrangente do fenômeno.

REFERÊNCIAS

BAYCAN-LEVENT, T.; NIJKAMP, P. Planning and management of urban green spaces in Europe: comparative analysis. *Journal of Urban Planning and Development*, v. 135, n. 1, p. 1–12, 2009.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores (MRE). Comunidades brasileiras no exterior: estatísticas – ano-base 2023. Brasília: MRE, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/comunidades-brasileiras-no-exterior-estatisticas-2023>. Acesso em: 18 mar. 2026.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *The SAGE handbook of qualitative research*. 5. ed. Thousand Oaks: Sage, 2018.

DHEER, R. J. Cultural diversity: an impetus to economic growth—under what conditions? *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 36, n. 7–8, p. 855–880, 2024.

ESTEVES, A. I. P.; FONSECA, M. L.; MALHEIROS, J. Labour market integration of immigrants in Portugal. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 44, n. 14, p. 2375–2391, 2018.



RELISE

13

FAIRLIE, R. W.; FOSSEN, F. M. Defining opportunity versus necessity entrepreneurship. In: POLACHEK, S. W.; TATSIRAMOS, K. (org.). *Research in labor economics*. Bingley: Emerald, 2020. p. 253–289.

GIOIA, D. A.; CORLEY, K. G.; HAMILTON, A. L. Seeking qualitative rigor. *Organizational Research Methods*, v. 16, n. 1, p. 15–31, 2013.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, v. 78, n. 6, p. 1360–1380, 1973.

JONES, T.; RAM, M.; EDWARDS, P. et al. Mixed embeddedness and new migrant enterprise. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 26, n. 5–6, p. 500–520, 2014.

KLOOSTERMAN, R. Matching opportunities with resources. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 22, n. 1, p. 25–45, 2010.

KLOOSTERMAN, R.; RATH, J. Immigrant entrepreneurs in advanced economies. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 2001.

KLOOSTERMAN, R.; RATH, J. *Immigrant entrepreneurs*. Oxford: Berg, 2003.

KLOOSTERMAN, R.; VAN DER LEUN, J.; RATH, J. Mixed embeddedness. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 23, n. 2, p. 252–266, 1999.

OECD. *The missing entrepreneurs 2019*. Paris: OECD Publishing, 2019.

RAM, M.; JONES, T.; VILLARES-VARELA, M. Migrant entrepreneurship. *International Small Business Journal*, v. 35, n. 1, p. 3–18, 2017.

RAM, M.; THEODORAKOPOULOS, N.; JONES, T. Forms of capital and Somali enterprise. *Work, Employment and Society*, v. 22, n. 3, p. 427–446, 2008.

SCHROOTEN, M.; SALAZAR, N. B.; DIAS, G. Living in mobility. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 42, n. 7, p. 1199–1215, 2016.

SOLANO, G. Immigrant self-employment and transnational practices. *International Review of Sociology*, v. 26, n. 1, p. 121–141, 2016.

WALDINGER, R. *Ethnic entrepreneurs*. Thousand Oaks: Sage, 1990.